

21 NOV 1981

A perigosa repetição da crise econômica mundial

Leonard Silk

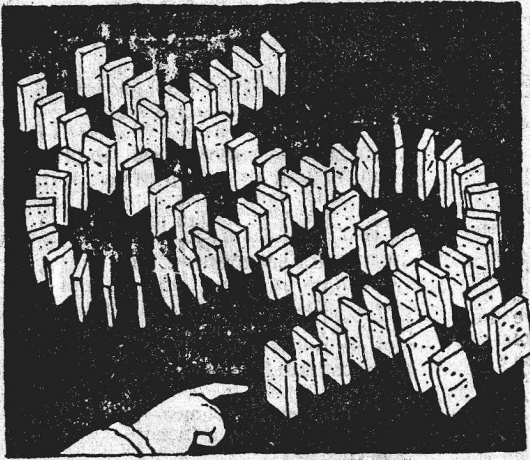
The New York Times

Economia - Brasil

S ERA que outra Grande Depressão, como a da década de trinta, poderia tornar a acontecer?

Muitos economistas acham que foi a crise de liquidez mundial de 1931 que transformou a recessão de 1929-1930 na pior depressão da história mundial.

O que causou a crise de liquidez de 1931? Segundo Maurice W. Lee, professor de economia da Universidade da Carolina do Norte, estes foram os fatores chaves:



- um débito de consumidores, prestações, impossível de ser administrado;
- uma pesada carga de hipotecas e dívidas agrícolas que datavam da alta do preço da terra causada pela inflação na Primeira Guerra Mundial;
- uma verdadeira montanha de débitos de hipotecas de casas, resultantes da grande expansão dos subúrbios na década de vinte;
- a enorme pirâmide de dívidas dos negócios montada sobre uma pequena base de valor líquido;
- uma massa crítica de empréstimos internacionais apoiados num fluxo contínuo de crédito vindo dos Estados Unidos.

Em fins da década de vinte, a economia norte-americana — na verdade, toda a economia mundial — estava operando, como afirma o Professor Lee, como uma enorme cadeia de pedras de dominó: “Enquanto a corrente não fosse quebrada, enquanto novas infusões de crédito mantivessem o fluxo circular em movimento, a “década da prosperidade” poderia continuar”.

Mas a quebra do mercado de ações em 1929 fez com que as companhias norte-americanas retirassem seus empréstimos no exterior. E a Tarifa Smoot-Hawley reduziu as importações norte-americanas, cortando os ganhos dos outros países. À medida que suas economias fracassavam, estes países impunham suas próprias barreiras alfandegárias ao comércio internacional e assim as exportações norte-americanas também foram prejudicadas.

O colapso do Credit Anstalt, na Áustria, ameaçou os bancos alemães, que correram para liquidar suas posições em Londres e Paris. Assim, toda a estrutura bancária internacional começou a cair em pedaços.

Como é que a situação atual pode ser comparada à de 1931? Um elemento mais animador

ressaltado pelo Professor Lee é que os consumidores têm estado controlando o uso do crédito mais cautelosamente. Comparada com suas rendas, a carga de débitos não parece crítica, apesar de ser elevada, por padrões históricos. “Contudo”, afirma Lee, “a situação dos consumidores pode-se tornar crítica se o desemprego crescer ou se os rendimentos pessoais declinarem”.

Mas a carga de débitos de empresas não financeiras, como observa Lee, já chegou a níveis muito elevados, assim como os lucros das empresas estão decaindo e o número de falências entre as firmas menores vem aumentando muito. As poupanças pessoais estão em baixa, e fundos disponíveis para empréstimos a longo prazo são poucos.

A grande quantidade de débitos a curto prazo que esperam refinanciamento no mercado a longo prazo, ressalta Lee, estabelece um piso para as taxas de empréstimos a longo prazo, “tão forte quanto as forças frequentemente observadas que nos deram a atual taxa de inflação.”

Os elevados juros das hipotecas levaram a venda de casas e o início de novas construções ao seu nível mais baixo no período do pós-guerra. E estas elevadas taxas de juros estão colocando em risco muitos bancos e instituições de poupança.

O Professor Franco Modigliani, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, ex-presidente da American Economic Association, afirmou há poucos dias que “já passou há muito tempo a oportunidade de o Governo fazer alguma coisa para salvar as instituições de poupança. Disseram-lhes para tomar emprestado a curto prazo e emprestar a longo prazo e elas ficaram presas na armadilha. Uma vez que o Governo levou-as a tal posição, agora tem uma parcela de responsabilidade para retirá-las do impasse em que se encontram.”

Será que outra grande crise monetária internacional, como a que se seguiu ao colapso do Credit Anstalt em 1931, poderia ocorrer hoje em dia? O Professor Modigliani diz que está “francamente preocupado — pois é uma situação muito delicada”. Modigliani acha que é preciso maior regulamentação governamental dos empréstimos feitos no exterior pelos bancos particulares, e acha também que os bancos centrais ainda não forneceram garantias adequadas de que numa crise poderiam funcionar como “emprestadores em último recurso” para evitar um colapso do sistema bancário internacional.

Com o aumento das dívidas, interna e internacionalmente, parecem existir as condições clássicas para um sério colapso do sistema. Ao pressionar muito pelo crescimento financeiro, década após década, os Estados Unidos e o resto do mundo parecem mais uma vez ter criado uma enorme “cadeia de pedras de dominó” — processo que poderia entrar em colapso com efeitos devastadores sobre a produção, as rendas e o emprego, se o fluxo de crédito fosse interrompido.

Mas manter esta “corrente” em crescimento, com o crédito elevando-se cada vez mais, seria aumentar ainda mais o perigo de uma inflação mais grave e de um colapso ainda mais sério no futuro.

Talvez o aspecto mais esperançoso da atual situação, para inverter o que disse o filósofo George Santayana, é que realmente nos lembramos da crise de 1931 e não estamos condenados pela ignorância a repeti-la.